

DÍVIDA

- 4 DEZ 1985

Cpt

Bancos cautelosos diante do Plano Baker

Os bancos privados internacionais reagiram ontem com cautela ao pedido sem precedentes formulado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial para que deem seu apoio, sem maiores adiamentos, ao plano do secretário do Tesouro dos EUA, James Baker, para facilitar o reordenamento da dívida externa do Terceiro Mundo, sem paralisar o seu desenvolvimento.

A declaração conjunta do diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, e do presidente do Banco Mundial, Alden W. Clausen, teve por objetivo vencer as reservas desse setor a um aporte trienal de 20 bilhões de dólares a países como Brasil, México, Argentina, Venezuela, Colômbia, Chile, Peru, Equador, Uruguai e Bolívia.

Nesse mesmo período, o plano elevaria em nove bilhões de dólares os créditos dos bancos de desenvolvimento aos países que efetuarem reformas estruturais em suas economias, visando equilibrar seus orçamentos, reduzir a inflação e dar mais força ao setor privado.

Embora o governo dos EUA venha insistindo na implementação do plano, preocupado com a possibilidade de que a crise econômica acabe por provocar grandes desequilíbrios sociais na América Latina, os bancos norte-americanos exigem, em troca de seu apoio, a garantia de que os reguladores fiscais não criariam novos problemas se alguns dos países que receberem novos empréstimos atrasarem seus pagamentos. O sistema atual de classificação dos créditos alterou em muitos casos os seus lucros.

Fontes ouvidas pela agência Associated Press disseram que os bancos do Japão e da Europa não mostraram grande entusiasmo até saberem o que farão os bancos norte-americanos, que consideram como fonte natural de financiamento para a América Latina.

A iniciativa do FMI e do Banco



Mundial, segundo outras fontes, deve mesmo por objetivo dar o respaldo norte-americano à medida, e, segundo uma autoridade de Washington, Larosière acredita que haverá uma reação positiva ao pedido conjunto.

Apoio limitado

Entre os próprios latino-americanos, porém, ainda existe muita dúvida sobre os reais benefícios do Plano Baker. Isso foi deixado claro, ontem, pelo presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Antonio Ortiz Mena (foto), que surpreendeu ontem os jornalistas ao oferecer apenas um apoio limitado ao programa.

— Em última análise — disse — cada país da América Latina deve identificar as medidas corretivas apropriadas para os seus próprios problemas e o papel que as forças externas devem desempenhar nesse processo.

Da mesma forma, o veterano economista argentino Raul Prebisch mostrou-se cético quanto aos resultados do plano, lembrando que “nunca me responderam por que se volta a pedir a colaboração dos bancos comerciais, que já estão

sobrecarregados de dívidas e cuja conduta está muito longe de ser exemplar”. De acordo com Prebisch, o dinheiro necessário pode ser emprestado pelo Banco Mundial e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Juros

Embora veja um aspecto positivo na proposta Baker, “o de que, por fim, depois de um longo período de posições negativas, se dão conta de que é necessário adotar certas decisões políticas para enfrentar o problema”, o economista argentino diz que o plano esquece o “aspecto fundamental da questão, que é o de baixar a taxa de juros e aliviar o serviço da dívida”.

— Se precisa disso e se precisa, também, de uma cooperação financeira para novos investimentos. Mas o fundamental neste momento, e o urgente, é aliviar o serviço da dívida — concluiu Prebisch.

Ortiz Mena, do BIRD, também acredita que o Plano Baker se “reveste de imensa importância para a América Latina e para a economia mundial em geral”. Contudo, ressalva, “para o crescimento econômico se precisa de capital. Sem um aumento substancial dos fluxos de crédito a longo prazo e investimentos diretos na América Latina, existe pouca possibilidade de um crescimento sustentado”.

Ortiz Mena também fez uma grave advertência: os governos democráticos da América Latina, especialmente os mais recentes, correm sérios riscos por causa da dívida externa. Apesar de não fazer menção a qualquer conspiração revolucionária ou golpes de Estado, ele lembrou que “a textura política e social da região é frágil e pode romper-se se a atual situação continuar”. Segundo ele, o custo social dos compromissos contraídos pelos governos democráticos para pagar as dívidas “se tornou virtualmente insuportável”.